

Ataque de harpia a turista na Amazônia reacende debate sobre interação entre humanos e a maior águia do mundo

Category: AMAZÔNIA, GERAL

escrito por Maria Luiza | 28 de maio de 2026



Em outubro de 2023, no interior da Guiana Francesa, uma mulher de 39 anos foi atacada por uma harpia (*Harpia harpyja*), considerada a maior águia do mundo. Em uma região com extensas áreas de floresta preservada, interações como essa, entre humanos e animais silvestres, são extremamente raras.

O ataque ocorreu a cerca de 35 km da vila mais próxima, próximo ao Rio Kourou, durante uma caminhada de um grupo com 11 turistas e um guia local. A águia havia pousado a cerca de seis metros de altura quando foi avistada. Sem sinais aparentes de agressividade vindo da ave, parte do grupo seguiu caminho, enquanto a mulher e seu parceiro permaneceram por alguns instantes para fotografá-la. Quando o casal retomava a trilha, a harpia desceu e atingiu a parte posterior da cabeça da turista.

Desde 2016, o biólogo Everton Miranda se dedica ao monitoramento de harpias, consideradas uma espécie-bandeira para a conservação da Amazônia. Ele reforça o quanto esses casos são raros: “É extremamente incomum, assim como é para outros grandes predadores da América do Sul, como a onça ou

crocodilos”, explica.

Miranda assinou artigo científico recente relatando o caso, conjuntamente com especialistas franco-guianenses. Este foi o primeiro episódio de ataque na história a ser registrado e descrito por pesquisadores.

Na academia, há uma resistência em publicar casos como este, segundo o biólogo. “Há um temor de que dar visibilidade para ataques aumente o estigma contra o animal, porque nós sabemos que há muitos abates de harpias relacionados a predação de animais domésticos”, relata. Segundo o argumento mais comum, compartilhar histórias de ataques a humanos poderia incentivar uma onda de caça ao animal, cuja população continua em declínio sobretudo devido ao desmatamento e a fragmentação de florestas.

Por que contar essa história, então?

“Porque os casos de interações perigosas existem e colonos não leem artigos científicos”, responde Miranda, de forma objetiva. Mas, para além disso, o biólogo defende que a visibilidade desses casos também pode incentivar a criação de políticas públicas voltadas à interação humano-animal.

Ataque de harpia a turista na Amazônia acende debate sobre interação entre humanos e a maior águia do mundo

A envergadura da harpia amazônica pode chegar a 2,2 metros

Interações perigosas?

Segundo o registro feito pelos pesquisadores, a turista se jogou ao chão ao perceber o ataque. Com garras que podem chegar a 12 centímetros, a harpia feriu a cabeça da mulher.

O companheiro, por sua vez, tentou conter o animal, pressionando-o contra o chão pelo pescoço, momento em que a ave alçou voo, permitindo a fuga. Sete horas depois, a turista foi levada ao hospital, onde recebeu tratamento com antibióticos. As feridas cicatrizaram ao longo de semanas.

Fotógrafo e também biólogo, Carlos Tuyama trabalha com harpias há 11 anos, em Rondônia. Durante esse tempo, pôde apurar com profundidade apenas um caso de ataque contra humanos, além de ter ouvido de comunitários ao menos duas outras histórias com evidências apenas parciais.

O caso apurado pelo pesquisador teria ocorrido há cerca de sete anos, embora não haja confirmação da data. Na ocasião, um homem adulto avistou o pássaro enquanto pescava, mas o confundiu com um mutum. Ao subir um barranco procurando pelo ninho, visando alguns ovos para criação, foi subitamente atingido pelas garras da harpia, que perfurou a região do queixo e da boca. A ave só se soltou do homem com a intervenção de um amigo que o acompanhava na pescaria – e com o golpe de um facão. A ave foi morta ali mesmo. Tuyama, porém, não chegou a publicar os resultados da sua investigação.

Apesar das histórias, Tuyama nunca se sentiu ameaçado em campo e passa muitos de seus dias sob os ninhos de harpias. Obviamente, há risco: “Uma unhada já é um acidente grave”, frisa o biólogo. Mas os casos são isolados e geralmente provocados por causalidade muito específica, como defesa, o que não define o comportamento da espécie.

“Provavelmente, esses ataques estão vinculados à proteção de alguma presa, da qual a pessoa nem sempre tem ciência, mas que está ali por perto. A pessoa se aproxima, e o bicho vem defender o alimento”, supõe Tuyama.

De fato, no caso ocorrido na Guiana Francesa, os guias relataram ter encontrado uma carcaça de um macaco próximo ao local do ataque, dias antes. Já no caso apurado por Tuyama, também foi encontrada uma presa em decomposição no local.

A possibilidade de defesa de ninho também existe: na Guiana Francesa, são comuns os relatos, embora não publicados, de gaviões-carijó (*Rupornis magnirostris*) avançando contra pessoas em cidades por esse motivo. Por outro lado, no Brasil,

a experiência de instalação de torres turísticas para observação das harpias em seus ninhos aponta para um padrão distinto: não apenas não há registro de ataques nesses contextos, como as águias demonstram tolerar a presença de humanos perto de seus ninhos.

Ataque de harpia a turista na Amazônia acende debate sobre interação entre humanos e a maior águia do mundo

Maior desmatamento, maior risco de interações com harpias?

Como predadoras de topo da cadeia, as harpias exibem capacidade de subjugar animais como macacos de médio porte ou preguiças. Nas franjas do Arco do Desmatamento amazônico, presas potenciais também passam a incluir animais domésticos e de criação. É nessas ocasiões que as interações se tornam realmente perigosas – não para os humanos, mas sim para as próprias harpias.

Atualmente, não há uma quantificação consolidada dos abates de harpias na Amazônia, mas os números que existem revelam padrões. Em um monitoramento de dez anos na reserva de Cuyabeno, no Equador, pesquisadores acompanharam 53 aves, das quais 4 foram abatidas por tiros por medo de predação de animais domésticos ou para obtenção de troféu.

Já no contexto brasileiro, no norte de Mato Grosso, há registro de, pelo menos, cinco casos de harpias mortas apenas por curiosidade do caçador, além de outros seis ligados à predação de galinhas ou ao medo de predação. Há, até mesmo, abates por medo de que as harpias predem crianças pequenas.

A densidade populacional das harpias é baixa: estima-se entre três e seis ninhos de harpias por 100 km², o que torna qualquer perda significativa. Além disso, os abates se somam a outro risco, ainda maior, o do desmatamento: áreas com até 50% de desmatamento deixam de sustentar a reprodução do animal, e até 70% já não sustentam mais seus ninhos. “A grande questão

não é apenas o abate das harpias, mas quando elas começam a deixar de nascer”, comenta Everton Miranda.

Em Rondônia, Carlos Tuyama conta que há o conhecimento de 31 ninhos de harpias, dos quais oito ainda são viáveis, mas nenhum estava ativo, com filhotes, até o fechamento desta reportagem. “Nem o topo da castanheira está lá”, conta, com pesar. “Hoje, há pastagem ou lavoura”.

Na medida em que há o avanço das fronteiras agrícolas sobre a Amazônia, relatos de interação entre harpias e humanos podem se tornar mais comuns, como há casos registrados por vídeo e que circulam por redes sociais. Ou o inverso: que as águias sejam empurradas cada vez mais às porções mais conservadas da floresta e que o declínio populacional torne essas interações ainda mais raras.

É nesse contexto que, para Everton, compartilhar as histórias de interações, mesmo as de ataque, pode ser crucial. Conforme ele argumenta, propriedades rurais que cumprirem o Código Florestal com 80% de sua área voltada à conservação, na Amazônia Legal, poderão ser lares de harpias. Nesses casos, é preciso superar o estigma contra o animal para evitar mais abates.

“Penso que um programa de compensação, indenização ou prevenção em escala nacional é necessário para quem tem animais domésticos predados por animais silvestres”, defende Miranda.

Em outros países, como Estados Unidos, Índia ou Quênia, há programas de compensação para perdas por lobos, ursos, lincos, tigres, elefantes e tantos outros grandes animais. No Brasil, porém, não há programas estruturados nesse sentido, um vazio que ajuda a explicar por que o conflito entre produtores rurais e grandes predadores costuma terminar em morte dos animais.

Ataque de harpia a turista na Amazônia acende debate sobre

interação entre humanos e a maior águia do mundo

Desvendando o mito: harpias predam seres humanos?

A pergunta pode soar absurda, mas não seria difícil imaginar como o caso na Guiana Francesa poderia ter se convertido em um cenário letal: caso a águia atingisse as vértebras do pescoço ou mesmo os olhos. Há também narrativas populares recorrentes, embora difusas geograficamente pela Amazônia, de harpias que carregavam crianças para seus ninhos para devorá-las.

Do ponto de vista evolutivo, a predação de primatas é considerada um fator relevante para compreender como nossa espécie chegou até aqui. Há evidências de que, há milhões de anos, grandes aves de rapina predaram hominídeos. Já gigantes extintos, como a águia-de-haast (*Hieraaetus moorei*), na Nova Zelândia, ou a coruja-terrestre-cubana (*Ornimegalonyx oteroi*), demonstraram porte e força suficientes para dominar e matar bebês humanos.

O fato de hominídeos de pequeno porte terem coexistido com esses predadores sugere que, em diversos ecossistemas, houve um intercâmbio evolutivo direto entre grandes aves e o desenvolvimento humano. Uma das respostas possíveis: a vida em grupo. O comportamento social humano pode ter sido refinado, ao menos em parte, como estratégia antipredação. E, de fato, se a turista estivesse sozinha, o desfecho poderia ter sido trágico.

Mas a predação de humanos por grandes aves pertence a um passado muito distante. E, embora os relatos populares continuem circulando, não há evidência ou registro de que harpias amazônicas tenham predado bebês.

Para Everton Miranda, é pouco provável que isso tenha ocorrido mesmo há milênios, quando da chegada dos primeiros humanos às Américas. Segundo sua hipótese, as harpias passaram a conviver

com humanos já de maior porte, organizados em grupos e munidos de instrumentos. Nesse contexto, dificilmente seriam capazes de caçá-los.

Fonte: conexaoplaneta e Publicado Por: Jornal Folha do Progresso 28/05/2026/08:12:41

O formato de distribuição de notícias do [Jornal Folha do Progresso](#) pelo celular mudou. A partir de agora, as notícias chegarão diretamente pelo formato Comunidades, ou pelo canal uma das inovações lançadas pelo WhatsApp. Não é preciso ser assinante para receber o serviço. Assim, o internauta pode ter, na palma da mão, matérias verificadas e com credibilidade. Para passar a [receber as notícias](#) do Jornal Folha do Progresso, clique nos links abaixo siga nossas redes sociais:

- [Clique aqui e nos siga no X](#)
- [Clica aqui e siga nosso Instagram](#)
- [Clique aqui e siga nossa página no Facebook](#)
- [Clique aqui e acesse o nosso canal no WhatsApp](#)
- [Clique aqui e acesse a comunidade do Jornal Folha do Progresso](#)

Apenas os administradores do grupo poderão mandar mensagens e saber quem são os integrantes da comunidade. Dessa forma, evitamos qualquer tipo de interação indevida. Sugestão de pauta enviar no e-mail: folhadoprogresso.jornal@gmail.com.

Envie vídeos, fotos e sugestões de pauta para a redação do JFP (JORNAL FOLHA DO PROGRESSO) Telefones: WhatsApp [\(93\) 98404 6835](#)– (93) 98117 7649.

“Informação publicada é informação pública. Porém, para chegar até você, um grupo de pessoas trabalhou para isso. Seja ético. Copiou? Informe a fonte.”

Publicado por Jornal Folha do Progresso, Fone para contato 93
981177649 (Tim) WhatsApp: [-93- 984046835](tel:-93-984046835) (Claro)
- Site: www.folhadoprogresso.com.br e-
mail: folhadoprogresso.jornal@gmail.com/ou e-mail:
adeciopiran.blog@gmail.com

[Lignosulfonato de sódio no Brasil: onde e por que ele é utilizado](#)